



## Massa Crítica

Luís Marques  
l.s.marques@sapo.pt

### O REGRESSO DO ESTADO-PATRÃO

Na realidade, ele, o Estado-patrão, nunca deixou de estar por aí, ao longo dos 47 anos de democracia. Foi um percurso sinuoso, feito de altos e baixos, mas esteve sempre presente, garantindo poder, empregos, promiscuidades da mais variada ordem e seguramente, como agora se diz, algum enriquecimento ilícito. Começou em todo o seu esplendor nas nacionalizações do 11 de março, quando a esquerda revolucionária aplicou a cartilha marxista e o Estado tomou conta dos meios de produção. Sofreu um revés, primeiro com a 'normalização' económica de Mário Soares e depois com as privatizações iniciadas por Cavaco Silva, na década de 80. Apesar disso, manteve intacta a capacidade de influência política e a proteção de clientelas. Ainda hoje tem o controlo direto ou indireto de alguns sectores-chave da economia e de um vasto número de empresas. O Estado continua a ser o maior patrão da economia portuguesa.

A 'geringonça' primeiro e a pandemia depois acordaram alguns dos instintos adormecidos, ou que achávamos adormecidos, do monstro. Um dirigente sindical disse há dias, na SIC Notícias, que a TAP está a ser dirigida por telefone. Ah, o velho telefone. Que saudades dos

Para a esmagadora maioria dos empresários, as dificuldades, as burocracias e os impostos. Para alguns privilegiados, o acesso aos centros de decisão, onde estão os grandes negócios

tempos em que os ministros mandavam nas administrações por telefone. Davam ordens pelo telefone. Pedro Nuno Santos, o ministro que estará do outro lado da linha, parece ter recuperado um método de gerir tão prático como eficaz. Um ministro que é também CEO poupa muitas chatices. É uma imagem simbólica de um tempo em que as empresas públicas eram meras extensões dos gabinetes ministeriais. Uma imagem de má memória, tanto política como económica.

O Estado-patrão, por natureza, desconfia da iniciativa privada, embora adore alguns empresários amigos. Para a esmagadora maioria dos empresários, as dificuldades, as burocracias e os impostos. Para alguns privilegiados, o acesso aos centros de decisão, onde estão os grandes negócios. Os primeiros vivem do mercado, interno e externo, e são os verdadeiros responsáveis pela recuperação da economia portuguesa pós-bancarrotas. Os segundos viveram sentados em cima de uma economia de rendas e proteções que muito contribuiu para a terceira falência do país em 47 anos de democracia. A aliança entre estes interesses e o Estado é, por natureza, inimiga do livre mercado e da concorrência, as quais são a fonte da inovação e da produtividade.

Se queremos encontrar uma das explicações para o fraco desenvolvimento do país, apesar dos enormes ganhos obtidos nestes 47 anos, é aqui que a devemos encontrar. No excessivo peso do Estado, nas erradas práticas empresariais do Estado e na riqueza que ilegítimamente subtrai à economia. O regresso, por razões ideológicas, do Estado-patrão, constitui uma grande ameaça à recuperação económica pós-pandemia, na qual 62% da 'bazuca' vai para o sector público. Significa a manutenção de velhos vícios e é uma má notícia para as empresas e para os empresários.

## TURISMO



# Hotéis do Algarve nos preparativos para reabrir

Na maioria, continuam fechados. Fórmula 1 apanha Portimão a "andar para trás" em alerta de covid-19

Texto **CONCEIÇÃO ANTUNES**  
Fotos **ANTÓNIO PEDRO FERREIRA**

São operações para durar uma semana inteira: todos os colchões numa centena e meia de quartos foram desinfetados com uma máquina própria, numa ação de limpeza que se estendeu a cortinados, mobiliário, vidros, cadeiras ou mesas das esplanadas, além do debaste de relva e das numerosas palmeiras nos jardins exteriores. Fechado desde 15 de janeiro, o hotel São Rafael Atlântico, do grupo NAU, prepara-se para reabrir este sábado, 1 de maio, com todas as incertezas que o Algarve ainda enfrenta sobre o regresso dos turistas.

"Quando falamos em três ou quatro meses de encerramento, o impacto da não climatização num edifício com esta dimensão traz consequências", nota Mário Ferreira, presidente executivo do grupo NAU, lembrando que a operação de limpeza para voltar a pôr o hotel a receber clientes também envolve procedimentos sanitários acrescidos com a pandemia de covid-19.

Hotéis fechados são ainda o cenário dominante no Algarve, apesar de algumas unidades terem vindo a anunciar reaberturas após a Páscoa, altura em que a proibição de circular entre concelhos foi levantada. Entre os 500 hotéis da região,

totalizando 130 mil camas, as reaberturas até à data têm sido residuais.

"A grande maioria dos hotéis permanece fechada, o Algarve continua muito parado, não há voos, as ocupações são muito baixas, não justificam os hotéis reabrirem", explicita fonte oficial da Associação de Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA).

### Equipas automóveis só podem comer nos quartos

Apesar de não ter público este ano, a Fórmula 1 era esperada como um sinal de alento à hotelaria do Algarve, tendo em conta que movimentaria alguns milhares de dormidas, entre equipas, técnicos ou patrocinadores. Mas o circuito português da Fórmula 1 em 2021, com a prova mundial a decorrer a 2 de maio no Autódromo de Portimão, coincidiu com uma altura em que o concelho entrou em risco alto de covid devido a surtos no sector da construção, ficando com restrições mais apertadas.

As reaberturas têm sido residuais entre os 500 hotéis do Algarve, com 130 mil camas. Na zona de Albufeira, muitos planeiam agora voltar a abrir



Limpezas e desinfecções prosseguiram ao longo de uma semana para o hotel São Rafael Atlântico em Albufeira, fechado há três meses, reabrir a 1 de maio. "Temos reservas que permitem contas equilibradas face ao que seria ter o hotel encerrado", garante Mário Ferreira, CEO do grupo NAU



"Portimão, onde decorre a Fórmula 1, foi um dos concelhos que andou para trás. Nem sequer se podem servir refeições em esplanadas, os restaurantes estão fechados, as pessoas estão nos hotéis mas não podem tomar o pequeno-almoço em sala, só nos quartos", enfatiza fonte da AHETA, referindo que a Fórmula 1 não deixou de ser uma ajuda para o Barlavento Algarvio, "é melhor que nada, mas este ano sem grande impacto".

O grupo NAU recebeu no ano passado equipas da Fórmula 1 no seu hotel Morgado, em Portimão, mas em 2021 a opção foi em sentido oposto. "Fomos contactados, temos excelentes relações com o autódromo e a FIA, mas por decisão nossa este ano não o fizemos. Não compensava abrir o hotel para a Fórmula 1, com Portimão em confinamento, para depois de termos de fechar outra vez", frisa o CEO do grupo hoteleiro. Os oito hotéis NAU no Algarve estão de momento fechados, preparando-se o grupo para reabrir a 1 de maio o São Rafael Atlântico, além do Dunas

Suites, na Herdade dos Salgados. Mário Ferreira planeia ir fazendo aberturas graduais e ter a totalidade dos hotéis a funcionar a 5 de junho, adiando que na zona de Albufeira vários outros grupos hoteleiros se preparam para reabrir as unidades.

### "Antes de julho não vamos ter ingleses no Algarve"

Mas não é uma decisão fácil: ao reabrir, os hotéis ficam sem apoios e por sua conta. "Temos métricas ao decidir as reaberturas. A empresa perde sempre dinheiro, mas há que avaliar se se perde menos a abrir ou a continuar fechado e a receber apoios", explica o presidente dos hotéis NAU. "Temos reservas em maio que permitem ter contas equilibradas face ao que seria ter o hotel encerrado. Mesmo perdendo um pouco, é importante abrir para cravar mais uma bandeira nossa no mercado."

"Em julho, agosto e setembro já temos reservas em quantidade que nos permite ter mais esperança. Vamos fo-

car-nos em dois mercados: o português e o espanhol, que não dependem de transporte aéreo para deslocações. E com eles que iremos fazer o nosso ano", avança Mário Ferreira, lembrando que os operadores turísticos britânicos já anunciaram que vão manter a atividade suspensa até 24 de junho. "Antes de julho não vamos ter ingleses no Algarve, é um facto", refere.

Problemático para o Algarve perfila-se junho, com reservas quase nulas, por ser ainda um mês com as escolas abertas. "No pós-verão é que eu tenho expectativas de poder haver uma retoma, sobretudo do mercado britânico, que poderá ser importante para o segmento de golfe em meados de setembro, outubro e novembro", destaca Mário Ferreira. As expectativas estendem-se aos eventos e congressos, de momento parados. "Temos três grandes congressos médicos em reserva para os Salgados, da ordem dos mil participantes cada, e mantenho a esperança de poderemos fazer alguns eventos a partir de outubro."

Os primeiros hotéis a reabrir, a 1 de maio, terão de lidar com diversos imponderáveis. "Temos aqui em São Rafael um Spa fantástico e três restaurantes, e não os podemos ter a funcionar. Se o tempo estiver bom, podemos servir refeições na esplanada, mas também as podemos servir nos quartos, e temos de estar preparados para mudar tudo de um momento para o outro", exemplifica. "Isto é como o futebol, tem de se fazer jogo a jogo, um dia de cada vez."

cantunes@expresso.imprensa.pt